DO AUTOR DA TRILOGIA "REVOLUCIONÁRIOS"

EMERSON CÉSAR

O ÚLTIMO HOMEM

QUANDO O FIM DO MUNDO É SÓ O COMEÇO

DRAGÃO URBANO

EMERSON CÉSAR

O ÚLTIMO HOMEM

QUANDO O FIM DO MUNDO É SÓ O COMEÇO

DRAGÃO URBANO

2020

Copyright © 2020 by Emerson César.
Todos os direitos desta edição reservados ao autor.
www.dragaourbano.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação
Júnior Oliveira, Emerson César e Amanda Barros

Composição de Capa
Júnior Oliveira e Emerson César

Revisão
Karen Olimme

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo Nº 54, de 1995)

Os personagens e as situações desta obra pertencem ao campo da ficção, não se referindo a pessoas e a fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C421u
César, Emerson, 1986-
O Último Homem / Emerson César – 1ª ed. – Diamantina, MG: Dragão Urbano, 2020.

ISBN 978-65-00-03193-5

1. Ficção Brasileira I. Título.

CDD: B869. 30876 CDU: 821.134.3 (82)-311

Ao vir de antiga terra, disse-me um viajante
Duas pernas de pedra, enormes e sem corpo,
Acham-se no deserto. E jaz, pouco distante,
Afundando na areia, um rosto já quebrado,
de lábio desdenhoso, olhar frio e arrogante
Mostra esse aspecto que o escultor bem conhecia
Quantas paixões lá sobrevivem, nos fragmentos,
À mão que as imitava e ao peito que as nutria
No pedestal estas palavras notareis:
"Meu nome é Ozimândias, sou o Rei dos Reis:
Desesperai-vos, ó Grandes, vendo as minhas obras!"
Nada subsiste ali. Em torno à derrocada
Da ruína colossal, areia ilimitada
Se estende ao longe, rasa, nua, abandonada.

"Ozimândias", soneto de Percy Bysshe Shelley, 1818.
Tradução de Eugênio Ramos.

Este livro é dedicado ao meu pai, Wellington, à minha mãe, Márcia, ao meu irmão, Everton, à minha irmã, Samantha e, especialmente, ao meu filho, Átila.

Gostaria de agradecer enormemente a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, em especial o apoio do meu amigo Júnior Oliveira, pelo excelente trabalho gráfico, aos amigos Gilmar Costa, Carlos Rabello, Pedro Vargas, André Ricardo, Weslley Azevedo, ao meu irmão, Everton, e às minhas amigas Rosângela Oliveira, Rosimery Oliveira e Bruna Lúcio pelas importantes contribuições durante a fase de revisão do enredo.

Muito obrigado a todos vocês!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO• 10
A TEMPESTADE 12
A PRAGA DO MILÊNIO 30
TERRA DA UTOPIA 39
GAIOLA DE OURO 53
PAIS E FILHOS 67
AUSCHWITZ 73
DEMÔNIOS 83
AQUELES OLHOS 92
A SÚBITA 107
DO AMOR AO WHISKY 117
O REGRESSO DE JÚPITER 135
CREPÚSCULO 146
ELAS CHEGARAM 159
A ÚLTIMA GUERRA 174
AURORA 202
O VELHO E O MAR 209

APRESENTAÇÃO

Nestes tempos nebulosos, algumas pessoas conseguem enxergar além da poeira tóxica da desumanidade. Emerson César definitivamente é desses visionários a quem a mira do cansaço jamais alcançará. Além de um autor criativo de belas e grandiosas conjunturas sociais que fundem realidade e imaginação, é daqueles que não foge dos embates necessários contra a imposição de um tempo que venera o individualismo. Emerson é um autor de resistência.

Ao ler *O Último Homem,* se é convocado a continuar resistindo. A obra implode o mundo atual e suas ausências sociais planejadas para mantê-lo à eterna sociedade das revoluções desidratadas. Traz à luz o desejo de um novo mundo materializado na "Cidade da Utopia". Atrás da ficção científica muito bem construída, do humor que com sutileza rasga a carne das hipocrisias sociais, o autor esconde muita filosofia e esperança. Não por acaso, o último homem é um professor, há aí também a implícita homenagem àqueles que, violados e subjugados de todas as formas, fazem como nosso escritor, resistem.

O Último Homem mostra outra sociedade possível, mas com a dureza de quem sabe que o ser humano pode colocar tudo a perder. A obra brinca e ousa com o poder das máquinas que, escondidas no propósito de tornar a vida das pessoas mais fácil, apossam-se de nossas vidas e podem muito bem se tornar a nossa destruição. *Déjà-vu* ou premonição? O leitor decidirá.

Gil Costa

Autor de *"Colonus – Heróis da Revolução"* e *"Soldado sem Bandeira"*.**23 de abril de 2020**.

A TEMPESTADE

"A superfície seca e crestada, aquecida pelo sol do meio-dia, deixava o ar abafado, quente como em um forno. Tínhamos a impressão de que até os arbustos cheiravam mal."

Charles Darwin, relato da expedição às Ilhas Galápagos, ano de 1835 depois de Cristo.

Ano de 2.391 depois de Cristo; em algum lugar árido e sufocante ao sul do Equador e a oeste de *Greenwich*, o último homem está morrendo.

Tudo está claro como leite, mesmo com os olhos fechados. Apenas se ouve, por alguns instantes, o som da respiração densa, ofegante e insuficiente para alimentar os pulmões já muito comprometidos. Pouco antes de tombar sobre o leito seco de um rio morto, o último homem parou, abriu os olhos e encarou a fúria escaldante do sol do meio-dia. Irritado, rosnou em tom de ameaça meia dúzia de xingamentos e, antes de perder a consciência, procurou por seu fiel companheiro de viagem em meio à nuvem de poeira ao seu redor. Avistou alguns metros adiante o corpo magricela do seu cachorro vira-latas, imóvel sobre a areia amarela do lugar, apenas seus pelos negros, ligeiramente avermelhados pelo sol e a poeira, moviam-se com a vontade do vento. "Está morto." – concluiu o homem doente e maltrapilho demais para os seus quarenta anos.

Ela então voltou ainda mais feroz e implacável do que de costume: a tosse. Súbita como o bote de uma cascavel, profunda e seca como o clima infernal daquele lugar. O homem levou as mãos à boca enquanto tossia freneticamente e mais uma vez enxergou as manchas de sangue nas palmas de sua luva. Sangue novo, escuro, sobrepondo às manchas

de sangue velho que se acumulavam sobre o tecido desgastado. A crise piorou e ele finalmente caiu exausto sobre a areia em brasa. Instantes de terrível angústia se passaram até que a tosse finalmente cedesse, deixando rastros de sangue e areia escorrendo pela barba emaranhada colada ao solo. O homem estava finalmente pronto para se entregar à morte, quando uma sombra cobriu seu corpo e trouxe algum alívio ao moribundo.

− Francamente... por acaso esta já é a terceira ou a quarta vez que você se debruça sobre a areia desde que abandonamos a floresta?

Perguntou a elegante mulher ao seu lado, vestindo um fino terno, meia-calça impecável e salto alto. Na mão direita, segurava um grande guarda-chuva negro, que fazia sombra aos dois. Na outra mão, um cigarro de filtro dourado, que vez ou outra visitava a boca. Com cabelos castanhos na altura dos ombros e um olhar severo, a misteriosa dama não aparentava mais do que trinta e poucos anos e não aguardou por uma resposta do homem tombado aos seus pés.

− Vamos! Levante-se! Não temos o dia inteiro!

A despeito da ordem recebida, o último homem permaneceu com a cara enfiada na areia e não pareceu surpreso com a visita, menos ainda com o sarcasmo da mulher.

− Pen... cof cof... pensei... cof cof... que sua visita na floresta seria a última, minha irmã. E a propósito... cof cof... você está errada, esta é a quinta vez que me debruço sobre a areia desde que saímos da floresta. – Respondeu o andarilho procurando se virar para a irmã.

− Mesmo agora, você ainda não entendeu, irmão, ninguém dá a mínima para a quantidade de vezes que você cai. Só o que importa é se você será capaz de se levantar ou não. Então vamos! Dê-me logo sua mão, nós não temos o dia inteiro! – Ordenou novamente, atirando o cigarro sobre a areia e estendendo a mão impaciente ao irmão mais velho.

– Como eu poderia recusar... cof cof... ajuda tão cortês vinda da Ministra Regente de Tuópia, a predileta de nosso pai.

–Não seja tão competitivo! Seu ciúme e esse sol estão acabando com a sua pele... – Destilou a irmã, expelindo sutilmente veneno e fumaça pela boca. Seu ar de superioridade fazia o irmão franzir a testa e ranger os dentes enquanto pensava numa resposta à altura. Ambos se encararam friamente em silêncio por alguns instantes, até que... começaram a rir.

– Se você insiste, Ministra, dê-me logo a porcaria da sua mão e ajude-me aqui!

Com ajuda da irmã, o homem se sentou. Ela, por sua vez, agachou-se ao seu lado e então continuou:

– Vendo você caído no leito seco desse rio, lembro-me daquela vez em que nosso pai nos levou para nadar na Represa do Forasteiro. Você também se lembra?

– Como eu poderia me esquecer? Eu levei a maior surra da minha vida por sua causa... cof cof

– Quantos anos nós tínhamos? Treze? Quatorze?

– Eu tinha dezessete e você doze.

– Lembro-me do nosso pai nos observando sobre as ruínas da velha turbina e a gente dentro d'água apostando quem nadaria mais rápido até a margem. Eu já havia vencido as três apostas anteriores, até que...

– Até que eu fiquei puto e nadei mais rápido do que você! – Interrompeu o irmão.

– Você já havia ficado puto da primeira vez em que perdeu, tanto é que insistiu para continuarmos apostando até você ganhar. Você não suportava perder qualquer coisa na frente do papai.

– E você, a caçula dissimulada, preferiu fingir que estava se afogando para que eu parasse de nadar e não vencesse a última aposta. Quem é que não sabe perder aqui, maninha?

– Sim, eu fingi que estava me afogando. Você olhou para trás e parou por alguns segundos, pensei que fosse voltar e me ajudar, mas então tornou a se virar e nadou até a margem. Quando saímos da água, nosso pai estava furioso! Ele me bateu por ter fingido que estava me afogando. Depois foi até você, que estava rindo e saboreando sua vitória, e lhe bateu ainda mais. E você perguntou, entre um soluço e outro: "Por que está me batendo, pai? Ela estava fingindo!"

– "Mas você não sabia." Foi o que ele respondeu. Eu ainda sinto minha bunda arder com aqueles tapas... cof cof

– Foi a única vez que nosso pai nos bateu. Estranhamente eu ainda sinto saudades daquele tempo. Quando apenas nosso pai e a Muralha Magnus pareciam suficientes para nos proteger de nós mesmos.

– Nosso pai cometeu exageros para nos proteger. Tuópia também. Fizeram-nos abrir mão da nossa liberdade em troca de proteção e segurança, e olhe só onde estamos agora, Samantha!

– Ninguém nos obrigou a nada, Raul. Nem nosso pai, nem nossas muralhas e nem nossas leis. Cada um naquela cidade fez a escolha que julgou mais conveniente e escolheu alguém ou algo em que pudesse colocar a culpa. Aliás, nem todo mundo. – Respondeu irritada, enquanto fechava seu guarda-chuva e se punha de pé. – Agora se levante! Como já disse, não temos o dia inteiro.

A mulher de olhar severo então desapareceu no ar. Uma grande nuvem cinza se afastou do sol e a sombra refrescante deu novamente lugar ao calor infernal. Ao mesmo tempo, Raul pôde ouvir os latidos insistentes de Hulk, convidando-o a continuarem sua jornada.

Apoiou-se nos joelhos com alguma dificuldade, limpou o sangue e a areia da barba emaranhada, sacudiu a areia dos cabelos parcialmente grisalhos e então se levantou pela quinta vez nas últimas sete horas. Encarou novamente o sol irritante e, com a feição arrogante habitual, resmungou mais

meia dúzia de xingamentos e frases sem sentido. Apenas uma soou audível:

– Não nos compare com aquela mulher, Samantha!

Vendo seu dono novamente a caminhar, Hulk parou de latir e também se pôs em vagaroso movimento na direção do oceano mais próximo. O sol implacável e o mormaço continuariam a castigar os dois viajantes. Contudo, num horizonte não tão distante, uma enorme tempestade começava a se formar, com suas nuvens escuras e relâmpagos assustadores.

Para Raul e sua companhia canina, um pouco de água seria como um presente dos deuses naquele momento. Do alto, todavia, não eram os deuses que os observavam, mas algo bem mais humano. Ou quase. Quilômetros acima de sua cabeça, na última camada da atmosfera terrestre, um dos últimos satélites artificiais ainda ativos acompanhava há algumas semanas a jornada daquele espécime. Muito tempo atrás, os espelhos daquele satélite também varreram vigilantes a superfície do planeta em busca de remanescentes vivos do *Homo sapiens* e outras espécies animais, dadas como extintas ou em vias de extinção, mas nada encontraram além de ruínas de sua civilização e indigentes esqueletos pacientemente se transformando em rocha. Recentemente "ressuscitado", o satélite finalmente emitiu o esperado sinal, que atravessou a atmosfera terrestre até ser captado e decodificado por um sofisticado computador, localizado a milhares de quilômetros distantes do solitário andarilho.

Alheios à misteriosa vigilância sobre eles, Raul e Hulk continuaram a caminhar penosamente pelo veio árido daquele rio morto, como algum explorador europeu deveria ter feito sobre canoas e remos mil anos antes. Quando a noite finalmente os alcançou, o último homem se permitiu desabar sobre a areia ainda morna e contemplar o véu de estrelas cintilantes.

Lá, no céu, meteoritos cruzavam o firmamento, deixando um rastro luminoso em seu caminho. Outros objetos se

moviam na atmosfera, mas não passavam de lixo espacial abandonado por civilizações antigas. Uma crise de tosse fez o andarilho desviar os olhos dos seus devaneios celestiais. Sentou-se na areia e tossiu repetidamente sob os olhares piedosos de Hulk, deitado próximo aos seus pés. A crise passou logo, deixando apenas algumas gotas de sangue na areia e uma febre persistente. Já acostumado à doença, ele percebeu que era hora de acender uma fogueira, comer o último de seus ratos selvagens e finalmente dormir. Era necessário algum papel para acender o fogo, então retirou da bolsa que carregava seu livro predileto, *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin e, com cuidado, deixou-o descansar ao lado do seu cachorro. Em seguida, retirou outro livro, de capa preta e título dourado, pensou em queimar o salmo 23 naquela noite, mas apenas uma única folha restava intacta em seu miolo. Contentou-se então em incinerar o salmo 91: "mil cairão ao teu lado, dez mil a tua direita, mas tu não serás atingido". Na memória surgiu a imagem do seu filho e dos bilhões de filhos da humanidade antes do seu, e então rasgou a última página do livro sagrado, que rapidamente virou fogo, fumaça e cinzas.

– Já parou para pensar que, deixando você morrer por último, Deus pode muito bem estar lhe punindo por sua descrença? – Questionou o homem negro e de postura altiva, usando boina e vestindo um imponente uniforme militar. Ele se sentava em frente à pequena fogueira. Raul não demonstrou qualquer surpresa com o surgimento repentino daquele homem.

– Então ele enviou você, desta vez...

– Quem me enviou, velho amigo? Deus ou o Demônio?

– O vírus, é óbvio. Ao contrário do que diz sua mitologia, não precisamos de deuses ou de demônios para arruinar nossas vidas. Somos perfeitamente autossuficientes nesse sentido.

– Desculpe se o irritei, Raul, só quis lhe provocar um pouco. Faz tempo que não conversamos e, até onde eu sei, ainda sou seu único amigo.

– Não ligue para o meu mau humor, Tom. Só estou com medo de não conseguir cumprir minha promessa. A comida está acabando, a água também, e eu não tenho a menor ideia de quanto tempo falta para alcançar o litoral. Sabe como nossos mapas eram imprecisos em Tuópia. - Respondeu, enquanto espetava seu rato selvagem e o tostava sobre a fogueira, sob a supervisão de Hulk, que tinha os olhos famintos fixos sobre o único alimento do dia.

– E quem precisa de mapas quando se tem fé, meu amigo?

– Bom, suponho que aqueles que não desejam andar em círculos precisem de mapas.

– Se não tem fé e nem mapas, então siga apenas a lógica da natureza! Até onde sei, todos os rios levam ao mar e você está seguindo o que já foi um rio.

– Parece que não tenho outra escolha, não é mesmo?!

Os gravetos estalaram no fogo, lembrando o andarilho que sua refeição estava pronta para ser servida. Retirou o rato do espeto, deu apenas duas ou três mordidas na carne dura e atirou a maior parte na direção de Hulk, que a devorou por completo em segundos. Enquanto comia e vigiava inutilmente o fogo, uma nova crise de tosse ameaçou romper o silêncio dos seus pensamentos.

– Quanto tempo até a quarta fase? – Perguntou Tom, procurando retomar o diálogo.

– Dois dias... cof... cof... talvez menos... cof... cof...

– E como foi passar pela segunda fase? Aquela da diarreia intensa e feridas horríveis nas mãos e pés?

– Foi quase tão “divertida” quanto está sendo passar pela terceira, com esta tosse maldita, febre e alucinações.

− Bom, pelo menos você ainda não perdeu o senso de humor, velho amigo. – Disse Tom, esboçando algum sorriso no canto do lábio. Raul não pareceu se contagiar.

− É tarde, General. Preciso dormir e tentar descansar se quiser chegar ao oceano antes da quarta fase.

− Eu entendo, Professor. – Tom respirou fundo e continuou – Descanse o máximo que puder, mas tome cuidado! O vírus não é a única ameaça do lado de fora da Muralha.

O andarilho consentiu displicentemente com a cabeça, então se virou, atirou a capa oca do livro sagrado sobre a fogueira, guardou com cuidado seu amigo Darwin dentro da bolsa e a fez de travesseiro, deitando-se sobre ela ao lado da pequena fogueira que não tardaria a se apagar. Hulk logo veio se encostar ao amigo, como de costume. O homem e o cão, exaustos, não tiveram problemas para pegar no sono. Habituados aos pesadelos e aos seus fantasmas, a natureza selvagem e a escuridão não lhes pareciam tão assustadoras.

As horas se passaram madrugada adentro. A pequena fogueira de gravetos enfim se apagou, deixando apenas cinzas e algumas brasas no lugar. A escuridão envolveu o andarilho e os sons da noite se tornaram ainda mais audíveis: corujas, morcegos, o uivo do vento soprando na vegetação seca ao redor, nada disso despertou os viajantes, até que o ruído de passos se aproximando finalmente acordou Hulk, que imediatamente começou a latir em sinal de alerta. Cansado e doente demais, Raul não despertou, mesmo quando o cachorro passou a morder a barra de sua calça, percebendo a ameaça que se aproximava vinda de várias direções.

O som dos passos furtivos deu lugar ao barulho assustador de feras rosnando a poucos metros do andarilho e de seu cão. Apenas pares de olhos vermelhos refletindo a brasa da fogueira eram percebidos na escuridão quase absoluta. Olhos vermelhos que encaravam famintos a dupla de viajantes, cercando suas presas, somente aguardando pelo sinal do seu

líder para deflagrar o ataque. O cão havia desistido de arrastar seu dono para a assustadora realidade à sua volta, agora, ele latia furioso procurando afugentar as bestas selvagens, mas de nada adiantava, elas continuavam se aproximando. Hulk então mordeu com força o braço de Raul, fazendo o moribundo finalmente despertar.

Acordado e ciente do perigo, o último homem pegou rapidamente sua bolsa, tateou o fundo até encontrar uma pistola sinalizadora. Levantou-se, mirou para o alto e disparou enquanto sacava da cintura sua faca de combate e se preparava para revidar o ataque iminente. O projétil explodiu 40 metros acima de sua cabeça e iluminou com tons de vermelho uma zona de 100 metros ao seu redor. A luz logo revelou uma pequena matilha de sete ou oito cães enormes, que não se intimidaram ao serem descobertos. A maioria dos animais de estimação haviam se extinguido nos primeiros dez ou vinte anos sem os humanos. Eles não conseguiram adaptar-se à natureza, da mesma forma que a natureza não conseguiu adaptar-se aos homens. Mas alguns cães domésticos se adaptaram e sobreviveram, tornando-se hoje tão selvagens quanto eram seus primos lobos antes de serem completamente extintos por caçadores e fazendeiros 300 anos atrás.

Cada vez mais acuados pelos cachorros selvagens, o valente Hulk e o fio amolado do facão de Raul não seriam capazes de suportar um ataque múltiplo vindo de todas as direções. Um enorme cachorro de pelagem branca, líder da matilha, finalmente saiu das sombras e avançou contra sua presa, disposto a iniciar o ataque... foi quando um rugido ensurdecedor vindo da escuridão paralisou feras e presas. De súbito, uma imensa leoa saltou sobre o cachorro alpha, cravando os dentes em seu pescoço. Outras duas leoas avançaram sobre os demais soldados da matilha, que se espalharam em fuga. Percebendo a oportunidade de também fugirem ou virarem refeição de

leões, Raul e Hulk correram tão rápido quanto as pernas podiam aguentar no sentido do leito seco do rio. Em sua fuga desesperada, Raul mal teve tempo de pegar sua bolsa e correr em disparada.

Já relativamente distantes da ceia dos leões, homem e cão mantinham o passo acelerado, procurando enxergar o caminho através da penumbra à sua volta. Por alguns instantes, ele quase se esquecera de que estava morrendo. Sua iminente luta contra os cães selvagens e a fuga dos leões o fizeram se sentir vivo como há semanas não se sentia. Por pura teimosia ou senso de propósito, ele não entregaria sua vida aos predadores sem lutar ou fugir. Uma ironia que o vírus em seu organismo não iria tolerar por muito tempo. A transpiração da corrida logo se misturou ao suor da febre, vieram então a fadiga, a falta de ar e, claro, a tosse. O último homem levou as mãos aos joelhos e tossiu tão forte e alto quanto o rugido daquela leoa.

− Eu disse para você que deveria tomar cuidado com os perigos aqui fora. Mas confesso que leões vivendo na América do Sul superaram as minhas expectativas. – Disse bem humorado seu amigo Tom.

− As minhas também... cof... cof... cof...

− Alguma ideia de como eles vieram parar aqui, professor?

A tosse de Raul cedeu e permitiu que ele respondesse ao amigo, enquanto recompunha suas forças.

− Li em algum lugar... há vários anos... que pouco antes de as nações se desfazerem, destruídas pelas Guerras S/A[1] e pela Praga do Milênio, alguns sobreviventes resolveram libertar os animais que viviam confinados em parques e zoológicos. Pelo menos aqueles que já não haviam morrido de fome.

---

1. Período de guerras sangrentas e grandes conflitos armados entre os anos de 2.080 e 2.190 d.C., cujas protagonistas beligerantes eram as maiores corporações econômicas mundiais.

− Então você acaba de fugir de animais que deveriam estar extintos há pelo menos 200 anos?

− Quase isso. Nós humanos eliminamos quase 80% de todas as espécies animais e vegetais deste planeta. Acho que ainda estamos com a vantagem. – Argumentou sarcasticamente Raul, voltando a caminhar.

− Parece que fugir de predadores na madrugada lhe fez bem! Deveria incorporar essa atividade à sua rotina de exercícios. Já que futebol não é muito a sua praia. – Sorriu o General, que passou a caminhar ao lado do amigo.

− Olha só quem está falando... mas vou anotar seu conselho na minha agenda, Tom.

− Faça isso!

− Em todo caso, preciso confessar que você tem razão desta vez. Há tempos não me sentia tão vivo!

− Então um homem da ciência, como você, médico e professor universitário, só precisava de umas férias na natureza para se curar do tédio em Tuópia? – Brincou o amigo.

− Muito observador da sua parte, General. – Respondeu em tom de ironia. - Especialmente vindo de um homem que passou mais da metade da vida desfilando entre soldados e robôs no alto de um muro. Não consigo pensar em algo mais "divertido" para se ocupar.

− Bom, essa eu realmente não tenho como refutar. – Respondeu o General e Chefe do Comando de Guerra de Tuópia, sorrindo com a provocação do amigo. E continuou. – Então me diga, Raul, o que mais poderia encher seu coração entediado de vida?

− Não tenho certeza. Talvez um novo tipo de inimigo. Um que eu até então não havia enfrentado. Mesmo que eu perdesse, aqueles cães selvagens e os leões me permitiram lutar contra eles. E isso, meu amigo, é um luxo que a Praga do Milênio não irá me conceder. Mais cedo ou mais tarde, esse vírus irá realizar um último ataque contra

mim. Um ataque que eu não posso prever, contra-atacar ou me vingar.

− Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, Raul?

− Estou conversando com uma alucinação. Todas as suas perguntas são pessoais, Tom.

− Se pudesse escolher entre cumprir a promessa e se vingar, o que você escolheria?

Raul não respondeu de imediato. Em silêncio embaraçoso, levantou os olhos em direção ao horizonte e contemplou os primeiros raios de sol que despontavam naquela manhã nublada. A pouca luz revelava nuvens negras, carregadas, que se fundiam aqui e acolá. O prelúdio de uma enorme tempestade se fazia ver e sentir por aqueles viajantes. Ao norte, já se podia enxergar uma densa chuva que despencava sobre o solo.

− Desculpe, Tom, mas talvez sua pergunta seja pessoal demais até para uma alucinação.

− Acha que eu iria lhe julgar se escolhesse a vingança em primeiro lugar?

− Definitivamente não. Jamais conheci homem tão vingativo quanto você, General. Afinal, quantas pessoas podem dizer que "se vingaram de Deus"? Mas, assim como Deus, você também não existe. Ao menos não existe mais. É apenas uma alucinação na minha cabeça. Um sintoma da febre alta e da doença. E uma piada de mau gosto desse vírus maldito!

− Tem razão, Raul! Sou apenas um sintoma ou uma piada de mau gosto do vírus... ou quem sabe um fantasma. Mas é claro, você é um homem da ciência, não acredita em fantasmas. Mas o que é o dilema e a culpa que está sentindo, senão um tipo de fantasma a lhe assombrar? E, afinal, o que importa o que eu sou, se o que lhe perturba é a pergunta que queima dentro do seu coração?

Raul finalmente parou de caminhar. Respirava ofegante, mas não era sintoma da doença.

– Muito bem, Tom, você quer mesmo saber o que eu penso? Pois bem, eu escolheria a vingança sem hesitar! Vingar a morte do meu filho é mais importante para mim do que cumprir a promessa que eu lhe fiz. Vingar a morte de todos que eu amei. De toda a humanidade! Vingar a sua morte, Tom! Essa é a escolha que eu faria. Satisfeito?

– Ainda não. Supondo que pudesse se vingar, acha que isso lhe traria paz?

– Diga-me você, por acaso está em paz depois que "se vingou de Deus"?

– Eu não existo, velho amigo, e, segundo você, Deus também não. Aceite que ninguém pode responder a essa pergunta por ti. Eu insisto, a vingança lhe traria paz?

– A paz é supervalorizada, General. Como homem da guerra, você devia ser o primeiro a reconhecer isso.

– Como homem da guerra, sou o primeiro a afirmar o contrário.

– Chega, Tom. Eu não aguento mais. Eu perdi tudo. Minha mãe, meu pai, Laura... perdi meu filho... e perdi você, meu único amigo.

– Mesmo que fosse possível, a vingança não nos traria de volta, velho amigo.

– A paz também não. Agora vá embora! Você é só a porra de um sintoma agora! A porra de um sintoma, Tom!

Ambos se encararam nos olhos uma última vez. A chuva caiu. No início, branda e suave. As águas que caíam do céu mansamente encharcavam os longos cabelos encaracolados e o rosto marcado do andarilho. Um alento à pele seca e empoeirada, rachada pelo sol. Tom e Raul olharam para cima, para a chuva e, ao mesmo tempo, voltaram a se encarar, mas desta vez com olhares fraternos e amáveis. Tom sorriu. Raul também. Tom desapareceu na chuva. Raul não.

As águas começaram a encharcar suas botas, mas não vinham de cima, vinham do chão. Incomodado com os pés ensopados, Raul voltou sua atenção para a realidade à sua volta. Percebeu que estava numa bifurcação no leito daquele rio seco, onde as águas de outro rio, muito maior, deviam desaguar em tempos remotos. Com a tempestade que caía ao norte desde o dia anterior, o grande rio estava novamente ganhando vida. O rio milenar, que jazia morto há séculos ou, pelo menos, sentia-se assim, fora contemplado pela tempestade com instantes de vida e liberdade. O leito seco gradativamente se encheu de águas turvas, violentas, mas a alegria do rio logo se transformou em desespero para o andarilho. Mais rápido do que poderia prever, Raul se viu com água até os joelhos e subindo. "Onde foi parar aquele cachorro idiota?" – perguntou-se o homem com olhar aflito. "HUUUUUULK! HUUUULK!" – Gritou com água já na cintura. A chuva se intensificou e seus gritos se confundiram com os trovões. O toque suave das gotas agora feria o rosto. A correnteza começou então a empurrá-lo com mais determinação para longe do seu caminho, mas era preciso alcançar a margem dez metros adiante se quisesse prosseguir em sua jornada. - "Nada é mais importante que minha jornada!" – Afirmou Raul, fingindo não se preocupar com o paradeiro do seu cachorro. Caminhando com dificuldade, tendo água acima do umbigo, ele continuava a repetir em voz alta: "Nada é mais importante que minha jornada!". Porém, entre um trovão e outro, ouviram-se latidos não muito distantes. A chuva densa confundia os ouvidos. - "Talvez sejam apenas os trovões." - Supôs Raul, prestes a alcançar a margem.

− Escute com mais atenção, irmãozinho! - Propôs Samantha, de pé com seu guarda-chuva, enquanto arrogantemente observa o irmão se aproximar da terra firme.

− Nada disso é real, Samantha, nem você, nem os latidos!

– “Teimoso como a mamãe”, diria nosso pai se estivesse aqui. Vamos, doutor, escute seus sintomas!

Raul sentiu com as mãos a terra firme da margem, a água do rio já batia em seu peito, fazendo as gotas da chuva respingarem em seu rosto e dificultarem sua visão. “Nada é mais importante que minha jornada, Samantha!” – Afirmava com veemência para a irmã.

– A jornada não é um ponto a se chegar, Raul, é como você percorre o caminho até lá. Agora escute! – Ordenou em tom severo a Ministra Regente de Tuópia.

O andarilho finalmente parou. Fechou os olhos e apenas ouviu. Por instantes só se escutavam os sons da tempestade. Água caindo dos céus como lanças a agredir a superfície das coisas. Agora o rio: vibrante, como se estivesse em ebulição. Agora os trovões: altos, longos, assustadores. Lembrou-se daquela vez, numa noite de tempestade, quando ele e sua esposa tentavam acalmar o filho, de apenas três anos na época, ao pé de sua cama. “Um trovão é apenas barulho que vem do céu, meu amor. Apenas barulho!” Explicava o pai. Quando a criança finalmente pareceu se acalmar, um trovão ainda mais assustador reverberou pelas paredes do quarto repleto de brinquedos e desenhos de pirata colados na parede. Arthur fingiu não se assustar, até que a porta, entreaberta, abriu-se repentinamente e uma criatura avançou sobre a cama. Todos se assustaram. O próprio Raul chegou a cair da cadeira. Passado o susto, reconheceram o vira-lata acolhido nos braços do menino, tremendo de medo. “Ele também tem medo de barulho, pai.” Raul finalmente ouviu os latidos.

– Ele tem medo dos trovões!

O homem então abriu os olhos e buscou pela origem dos latidos. “HULK!” Gritou novamente pelo melhor amigo do filho. Os latidos se intensificaram em resposta e ele finalmente avistou a conhecida silhueta magricela de onde partiam aqueles chamados desesperados. Na outra margem, separados por

vinte metros de forte correnteza, o cachorro latia e se contorcia observando o amigo na outra ponta. O alívio de Raul logo se converteu em impotência. Mesmo se gozasse de plena saúde e resistência, seria impossível atravessar aquela correnteza. Ainda que fosse um excelente nadador, ele certamente seria arrastado pelo rio e acabaria se afogando em poucos minutos. Mas o cão continuava latindo, pedindo por socorro.

− Vá embora, Hulk! Acabou!

O cão não lhe obedeceu.

− Vá embora, cachorro idiota! Não enxerga a correnteza entre nós? Se tentarmos atravessá-la, vamos morrer!

O cão ignorou mais uma vez e continuou latindo insistentemente à beira do rio. Quase a ponto de perder o fôlego. Raul se irritou. Com alguma dificuldade, escalou a margem do rio, catou uma pedra qualquer e a atirou na direção do seu cachorro. Hulk se assustou com a pedra e se afastou da margem, desaparecendo na densa chuva.

− Não me olhe assim, Samantha! Você sabe tão bem quanto eu que é impossível atravessar essa correnteza. E sabe que eu não posso desistir do meu objetivo! Eu não posso desistir do oceano!

− Tem toda razão, Raul. – respondeu a irmã sem lhe dirigir os olhos e continuou em tom de autoridade – Diga-me, se for capaz: você ainda se lembra de por que, afinal, quer chegar ao oceano?

Raul permaneceu em silêncio. Só quebrado pelo som de um cachorro se atirando na água. “Alguém ainda se lembra.” – A própria Samantha respondeu. Raul, paralisado, apavorou-se com a visão de Hulk se esforçando para nadar até ele, ao mesmo tempo em que era arrastado rio abaixo pela correnteza.

− O que vai ser, irmão? Desta vez você vai voltar ou vai continuar nadando? – Provocou Samantha.

O andarilho finalmente se moveu. Sem tempo para responder à irmã com palavras, Raul saltou sobre a água escura, mergulhando nas entranhas do rio repletas de lama, pedras, troncos e raízes trazidas de terras distantes.

− Nosso pai lhe ensinou bem. – Disse a Ministra pouco antes de desaparecer na tempestade.

Raul despontou sua cabeça sobre a superfície da água, dando braçada após braçada no sentido da correnteza. À sua frente, Hulk já demonstrava os primeiros sinais de que perderia a luta contra a violência imparável do rio. Esforçando-se o tanto quanto podia com suas patinhas magricelas, ele mal conseguia manter seu focinho para fora da água quando o amigo se aproximou. Ele estava naturalmente enfraquecido pela doença e pela longa e desgastante jornada. A despeito da violência descomunal daquelas águas, o último homem nadou com todas as forças até alcançar seu amigo, agarrando-o com uma das mãos.

− Eu sinto muito, Hulk! Nunca mais vou lhe abandonar!

Hulk passou suas pernas dianteiras sobre os ombros de Raul, que se esforçava para segurá-lo contra o peito e não se afogar. Com a outra mão, procurou nadar em direção à margem, onde a correnteza se enfraquecia. Mas as águas turbulentas eram um desafio ao fôlego e à resistência. Já tendo percorrido centenas de metros rio abaixo sem se aproximar da margem, o andarilho quase não possuía mais forças para continuar flutuando. Até que, prestes a afundar em definitivo levando consigo seu cachorro, avistou à sua frente o tronco de uma imensa árvore caído em seu caminho, obstruindo parte da corredeira. Se o impacto contra aquele obstáculo não os matasse, talvez tivessem uma chance. Mais algumas dezenas de metros de hercúleo sacrifício se passaram até que veio o choque contra o tronco. Raul procurou colidir de lado, com o braço servindo de para-choque e assim tentando evitar uma lesão mais grave em algum órgão vital. O plano

pareceu funcionar, não fosse por alguma raiz ou galho que havia cortado sua perna abaixo d'água. Raul emitiu um gemido de dor, mas sem se desesperar, levantou seu cão até conseguir alcançar uma área mais segura naquele tronco, a qual o rio dificilmente alcançaria. Colocou-o naquele lugar e, quando estava prestes a subir, notou que em sua direção vinha rapidamente uma nova árvore arrastada pela correnteza. Não havia tempo para escalar o tronco, então Raul se jogou mais uma vez na correnteza, escapando da nova colisão, porém, sendo novamente arrastado pelas águas escuras para um destino incerto. Já sem forças para resistir à vontade do rio, sua jornada e sua vida prometiam se encerrar muito antes do que ele planejava.

"NOSSO MAIOR ERRO E ACHAR QUE TEMOS TEMPO."

BUDA

Em 2.391 depois de Cristo, tudo o que restou da civilização humana sobrevive confinada entre as enormes Muralhas de Tuópia, a "Terra da Utopia", pois, do lado de fora, persiste a mortal ameaça da "Praga do Milênio" e de uma nova espécie de criaturas empenhada em eliminar os últimos Homo sapiens do planeta. E elas conseguirão. Afinal, esta não é uma história comum sobre como a humanidade superou o fim do mundo, esta é uma história sobre como o amor, a amizade e a família podem triunfar, mesmo quando todo o resto já foi perdido. Esta é a história do último homem sobre a Terra!

DRAGÃO URBANO

ISBN: 978-65-00-03193-5

CBL

9 786500 031935